

Cultura Popular e Realidade Brasileira (Otília Fiori.)

Eu tentarei inicialmente fazendo algumas colocações sobre cultura popular e depois em relação com o tema abordado ontem pelo Aumund colocar o q. é no Brasil hoje o Movimento de Cultura Popular.

Cultura Popular: O que é cultura popular? Eu tenho a impressão q. muitas tem se dito e muita coisa tem feito em nome de cultura popular. O q. dificulta a nos chegarmos a uma conclusão única sobre cultura popular. Nós mesmos q. estamos trabalhando, q. estamos engajados em cultura popular, estamos buscando a definição de cultura popular. Eu acho, assim, q. há muitas tentativas de aproximação do q. é cultura popular. Mas ainda não há nada propriamente de definitivo de profundidade. Nada. Nenhuma publicação temo sobre o assunto. Assim q. eu vou tentar também apenas uma aproximação.

Desalienação Cultural: — Eu gostaria de relacionar o trabalho de cultura popular ou q. diz respeito a isso ao q. ^{eu} poderia chamar de desalienação cultural. Nesse sentido, eu gostaria de fazer uma crítica ao esquema marxista em q. ele salienta, principalmente, a alienação econômica e a alienação religiosa. Parece-me q. falta o sentido da desalienação cultural, isto é, na medida em q. o hom. se desaliena economicamente, q. for solucionado o problema econômico do hom., segundo o esquema marxista, tudo de uma forma imediata e



espontânea, se desalienará. E realmente isso ainda não é. Apenas a solução da desalienação econômica não é a desalienação total do homem, nem produz espontaneamente a desalienação total. É necessária uma preocupação de desalienação em todos os aspectos simultaneamente, pudessem ser assim. ~~Apesar disso, a tarefa que o tema deve ser bastante mais ampla. Superará a desalienação em todos os aspectos. Dessa forma eu acho que o tema deve ser algo a mais além da desalienação econômica. Mas poria a desalienação cultural como englobando todas as desalienações. Isto é, no momento em que eu falo em cultura, eu não penso apenas naquela cultura conceito tradicional de cultura, ou seja, o conceito que nós temos a partir principalmente do século passado, de conteúdo intelectual.~~

Cultura. Essa concepção intelectualista de cultura é só a produção intelectual. Não, não pensem nisso, quando falo em cultura. Também não penso, quando falo em cultura, apenas no aspecto intelectual, ao que se opõem à civilização, isto é, a civilização seria o aspecto material e a cultura o aspecto espiritual. Mas quando falo em cultura, eu penso em toda a produção humana, em toda a expressão livre do homem. E naturalmente, quando eu falo em cultura, falo em toda a expressão livre do homem. Nesta medida, quando falo desalienação cultural, eu falo em desalienação total do homem.

24 Bem, se nós então partimos de um conceito, mais ^{ou} ~~menos~~ ^{ou} ~~menos~~ uniforme de cultura, ~~sem~~ ^{nessa} nós entendemos ~~essa~~ ^{nessa} ~~premis~~ ^{premis}sa de cultura, como mais ou menos cominhar juntos - Em ~~razão~~ não vou discutir todas as posições q. falam sobre o q. é cultura, o q. é civilização, oposição não oposição. E isso. Não é isso. E aquilo... Pode ser um pouco arbitrário logo dizer: Não, aceito essas diferenças e globalizo tudo. Mas em parte para facilitar nossa conversa.

Bem, colocando então a cultura como manifestação da liberdade criadora, como manifestações da criação do homem, do homem como ser livre, eu acho q. seria interessante pararmos um pouco aqui e colocar o q. é esta liberdade criadora, definidora do homem, q. opõe o homem aos demais seres e que faz com q. só ele seja capaz de criar cultura.

Cultura Subjetiva - Nós vimos q. todos os seres q. não o hom., estão completamente determinados na sua evolução. Quer dizer, eles têm uma forma dada, segundo a qual eles se desenvolvem. Ao passo q. o hom. é capaz, pela sua liberdade, de criar a sua própria forma. Quer dizer, o homem é capaz de fazer-a como ser livre. Ele é capaz de fazer opções e, na medida em que ele é capaz de fazer opções, ele vai se fazendo. Ele vai se construindo. Nesse sentido, nós temos, na medida em q. o hom. como um ser livre opta e se constrói e se realiza ele se cultiva. Então, nós temos aqui um dos aspectos da cultura que nós poderíamos chamar de cultura subjetiva ou seja do cultivo pessoal do homem, da realização pessoal do homem.

Cultura Objetiva. Agora, esse cultivo do homem, essa realização pessoal, esse aprimoramento próprio,



é construir a sua própria forma, se faz como?
Traduz-se como? Então nós temos que o
homem, p/a realizar-se, p/a fazer as suas op-
ções e p/a construir, é se relaciona com o mun-
do externo. Ele se relaciona com as coisas q.
estão à (sua) volta de si. Ele utiliza estas coi-
sas p/a realizar-se, p/a construir-se. E na
medida em q. ele vai ~~de~~ utilizando es-
sas coisas, em q. ele vai amoldando estas
coisas, em q. ele vai dominando-as e trans-
formando-as, vai surgindo o segundo aspec-
to da cultura q. seria a cultura objetiva. O
q. está aí. O que é criação do homem. O q.
é transformação do homem. O que é obra do
trabalho humano no domínio da natureza.

Então, nós temos os dois aspectos: a cultura
subjetiva e a cultura objetiva como algo
indissociável. Quer dizer, na medida em q.
o homem vai se fazendo, em q. ele vai se cultivan-
do, vai surgindo a cultura objetiva. Na medida
em que ele vai dominando a natureza e em que
vai construindo a cultura objetiva, em que -
ele vai produzindo os dados todos da cultura,
ele vai se criando, ele vai se cultivando, ele vai
se fazendo. É um processo indissociável, uma coi-
sa que não podemos dissociar da outra.

Geralmente, quando pensamos em cultura, pen-
samos apenas no dado. Eu gostaria de ter presente
os dois aspectos: cultura subjetiva e objetiva. E as-
sim cada vez mais vou insistindo na amplitude
do termo cultura. Cultura no sentido global, q.
já paleitei e cultura nesta dupla perspectiva
subjetiva e objetiva.

Então nós temos q. o hom. pela possibilidade de ação livre, pela possibilidade de optar entre as coisas, ele é capaz de utilizá-las, de fazer cultura. Temos assim a cultura como uma dimensão que nos poderíamos dizer pessoal, de uma realização pessoal do hom. A cultura tem um sentido eminentemente pessoal. E ela surge então, por um lado, como fruto de uma necessidade do hom., de uma carência do hom. O homem q. tem carência, q. tem necessidade utiliza ~~utiliza~~ as coisas.

E por outro lado, nós temos como uma riqueza, como uma possibilidade do hom. Por um lado o hom. q. necessita utilizar as coisas, q. necessita de coisas p/a realizar-se e nessa medida, o hom. como um ser carente. Por outro lado, o homem como possibilidade, o homem como riqueza, q. é capaz de criar, q. é capaz de transformar. Então, a necessidade corresponderia à carência do hom., a carência que leva o homem a criar cultura.

Consciência Crítica do Homem - É a possibili-

dade, a riqueza, q. nós poderíamos caracterizar pelo que nós já chamamos de liberdade e ainda pelo q. eu gostaria de salientar, pela consciência crítica do hom. Isto é, o hom. não está totalmente inmerso na natureza. Ele não está totalmente dentro e perdido a na natureza. Ele como um ser corpóreo, psicológico, segundo diz Guardini, ele é um ser da natureza, mas na medida em q. ele é capaz também de pensar essa natureza, logo, de se apor a ela, de pensá-la, de utilizá-la, de transformá-la, ele já não é apenas um ser da natureza. Ele é mais do q. puramente natureza. Então nós temos o hom. capaz de emergir do q. puramente natureza. Então nós temos o hom. capaz de

emergir do natural. O homem como alguém q. tem algo além do natural. Quer dizer, o homem é capaz de tomar distância das coisas. Os outros seres, o animal, por exemplo, não tomam distância. Está dentro da realidade. Está perdido na realidade. Segundo dizia Paulo Freire: "ele contacta apenas com a realidade". E ele utiliza essa realidade sempre de uma forma igual e instintiva. Ao passo q. o hom. não. O hom. é capaz de pensá-la. É capaz de distanciar-se do real. É capaz de sair do puramente natural. Então nós diríamos q. na medida em q. o hom. se liberta, segundo o próprio Guardini: "a liberta do seu complexo orgânico? Na medida em q. ele não é apenas natureza, em q. ele não é apenas organismo, mas q. ele é algo mais, na medida em q. ele se liberta disso, é q. ele pria realmente cultura. Nesse momento surge a cultura. Entenderam? Quer dizer, ele é da oposição. É da imersão do homem na natureza q. surge um novo dado, algo q. não é natural, q. é a cultura, q. é obra do homem. O homem que não apenas é, q. está dentro, mas que domina a natureza. Que é capaz de estar fora, de olhá-la, de conscientizá-la.

E então, nesta medida diferente de todo o nível infra-humano, de todos aqueles que não são homens, na medida em q. o hom. é capaz de emergir e que é capaz de olhar de fora a natureza, que é capaz de se distinguir, de se distanciar dela, ele não apenas reflete uma natureza, não seria apenas um espelho q. se coloca fora e no qual a natureza está refletida. Ele não apenas vê a natureza, olha a natu

peza, mas julga a realidade, ele julga as coisas que o cercam. Então nós temos o homem não apenas como uma consciência que é reflexo das coisas, não apenas como um espelho das coisas, mas o hom. sendo capaz de, na medida em q. se distancia das coisas, crítica-las, julga-las, e só por isso ele faz uma oposição entre as coisas. Ele julga uma coisa superior a outra e por isso ele utiliza aquela em vez da outra. Ele julga que esta coisa é mais apta p/a isto ou p/a aquilo e por isso ele utiliza essa coisa nesse ou naquele sentido. Então, vejam, eu insisto, não é só pq. o homem se liberta da natureza, não só porque o hom. é livre na medida em q. ^{consciência} ele se liberta da natureza, não é só porque ele tem consciência, mas pq. é apta, pq. ele é consciência crítica, e que ele faz cultura.

O homem, sujeito criador - Uma mera emersão do natural, q. nos colocasse numa posição crítica em relação à própria natureza, jamais se objetivaria em cultura, então nós temos assim o homem como sujeito. Quer dizer, na medida em q. o homem sai da natureza, em q. ele emerge da natureza e a utiliza, ele é sujeito. Ele objetiva a natureza. Ele constrói a partir da natureza. Ele cria. Então nós temos o hom. como sujeito criador.

Cultura - Sintetizando q. nós dissemos aqui no início, nós temos então a cultura como caráter pessoal, como a expressão de uma parência do hom. mas ao mesmo tempo de uma riqueza, de um homem q. é livre, q. tem consciência, q. julga, q. é apta. O homem q. toma posição crítica. O homem q. constrói: e ainda insisto: não apenas constrói algo objetivo, mas se constrói na medida em que constrói algo de objetivo. Então



nos temos aqueles aspectos da cultura subjetiva e objetiva simultâneas, indissociáveis.

Aspecto Social - Outro aspecto, vocês vêm q. estou fazendo tudo mais ou menos esquemático p/a depois a gente discutir em grupo, q. eu gostaria de salientar, ao falar sobre cultura, é o aspecto social. Nós não podemos pensar na cultura como mera criação de um único indivíduo. Mas a cultura é sempre criação de grupo, de indivíduos. Ela tem sempre um caráter eminentemente social. E vejamos o hom. quando ele domina a natureza e quando ele cria, ele é sujeito. A relação que ele tem em relação à natureza é uma relação de sujeito, de domínio dessa natureza. Agora, quando o homem se relaciona com outro hom. p/a fazer cultura o tipo de relação é distinto. Não é mais alguém que domina alguma coisa p/a fazer cultura, mas é alguém que se relaciona com um outro que também é sujeito de cultura p/a juntos fazerem cultura. Então, o sentido da relação dos homens na criação da cultura, não é o domínio do homem pelo outro homem! Não é a utilização de um homem pelo outro. Não é fazer um instrumento do outro p/a q. ele se realize e faça cultura. Isso seria transformar o outro homem num simples ser de natureza. Seria transformá-lo num simples objeto. Não. O outro homem também é sujeito. Também ele é ser livre. Também ele é consciência crítica. Também ele é criador. Então a relação q. deve haver entre os homens na feitura da cultura, na objetividade da cultura, deve ser uma relação de reconhecimento, e q. os homens se reconheçam mutuamente como sujeitos de cultura. E q. se se

5. relacionam como pessoas, e não uma relação pessoa/coisa, e não uma relação de instrumentalização, não uma relação em q. o outro homem fosse transformado num ser infra-humano. E aqui nós poderíamos fazer uma crítica à nossa cultura em q. não é apenas expressão do domínio do homem sobre a natureza, mas é a expressão do domínio dos homens, de poucos homens, sobre os outros homens, no sentido de criar cultura. Em q. o hom. se transforma em mero objeto. Em mero instrumento.

E nós aos poucos vamos colocando, então, de certa forma, as conclusões q. vamos ter q. tirar ao entrarmos no problema específico da cultura popular, ou da desalienação cultural.

Aspecto Histórico - Salientando, então, esse segundo aspecto, ou seja o aspecto social da cultura e o tipo de relações entre os homens na criação cultural com essa relação de reconhecimento, nós podemos entrar num outro aspecto, bastante ligado a este, quase indissociável: O aspecto histórico, o aspecto temporal da cultura. Isto é, na cultura ou a cultura, se transmite de grupos a outros grupos, de gerações a outras gerações. Não apenas ela se transmite no tempo de uma geração a outra, mas ao mesmo tempo ela se enriquece, há um progresso. Há um processo acumulativo. Na medida em q. vai havendo a transmissão cultural, vai também havendo um enriquecimento da cultura. Eu vou me explicar melhor.

Nós não podemos pensar a cultura ou a historicidade da cultura senão salientando, senão conscientizando o aspecto acumulativo. Porque senão não haveria historicidade, não haveria progresso. Não apenas

há transmissão, mas a nova geração acumula algo a isso q. recebe. Cria outras coisas e neste sentido vai havendo progresso, vai havendo um enriquecimento. Senão nós ficaríamos, ou estagnados q. recebe. Cria outras coisas e neste sentido vai havendo progresso, vai havendo um enriquecimento, Senão nós ficaríamos, ou estagnados que nem as culturas (se assim podemos chamar, quer dizer a qui então extrapolando o termo cultura) dos infra-humanos, como, por exemplo, das formigas, etc., q. sempre tem um comportamento em q. não há um processo acumulativo, em q. não há um progresso, que não há um enriquecimento, mas aquilo se transmite hereditária e instintivamente, ou nós teríamos então a limitação do homem, vejamos bem, ao infra-humano, negaríamos o aspecto criador do homem, negaríamos o sentido histórico da cultura ou ainda mais, nós teríamos q. aceitar o definhamento da cultura. Pq. vocês vejam se houverem se apenas a transmissão, sem a criação, sem o enriquecimento pelas novas gerações, aos poucos essa própria transmissão ^{ia} se desgastando, nós iríamos ter o definhamento da cultura. Em vez de ela ser progresso, ela seria sempre retrocesso.

A Educação como Consciência Crítica -

Nós não podemos nunca esquecer, ao conceituar cultura, esse aspecto histórico. Este aspecto de progresso de enriquecimento consequentemente nos apenas a da cultura às novas gerações, transmitir os dados, mas possibilitá-la criar novas formas, nos entra mos num tema, q. é o tema da educação, isto é,

a educação não como simplesmente transmissões de dados culturais, não apenas como transmissões de formas velhas, de formas gregas, ou de conquistas passadas da cultura, mas a educação ao mesmo tempo q. transmitindo os dados, as conquistas dos outros povos, das outras épocas, das outras gerações, ao mesmo tempo a educação possibilitando, educando e levando a criar, a partir do dado, criar, evoluir, transformar, modificar. Então nós temos a necessidade de que através da educação seja enfatizado o aspecto de consciência. Quer dizer educar não é dar, mas educar é fazer o indivíduo conscientizar a sua situação, conscientizar a cultura e colocar-se nela como sujeito criador. Vejam bem, conscientizar na quele sentido q. eu disse, então, não conscientizar no sentido de espelho da cultura, de espelho de situações que ele vive, mas conscientizar no sentido de crítica. A educação ~~para~~ deve visar colocar o indivíduo criticamente dentro da sua (dimensão) situação.

Neste sentido nós poderíamos lembrar o discurso de Paulo de Tarso em Bogotá, em q. ele fala exatamente neste sentido de educação. Educação não como coisa morta, mas como apenas a transmissões de dados culturais, mas a educação como levando o indivíduo a criar, levando o indivíduo a localizar-se num determinado momento-cultural-histórico e localizar-se criticamente, isto é, sendo capaz de transformar este momento histórico e cultural. Sendo capaz de fazer este momento histórico e cultural evoluir e progredir.

Eu tenho aqui o discurso e poderia ler alguns trechos p/a vocês. Dis ele o seguinte: "Educar não é

polarizar uma pequena cultura. É dar a todos os homens a consciência de (sua) sua vontade criadora. É dar essa vontade e meios. Educar é despertar em cada um a consciência de sua possibilidade de modelar o mundo.

É evidente q. nós temos q. fazê-lo conhecer o mundo, mas nós devemos fazê-lo também, principalmente assumir esse mundo. Não no sentido de se integrar, não no sentido de aceitar esse mundo, mas é assumi-lo criticamente, de se transformar em responsável por esse mundo, pela mudança desse mundo, pela evolução desse mundo social, cultural. E assim por diante. Seria interessante que todos lessem o discurso de Paulo de Tarso que saiu no Brasil Urgente.

Consciência Transitiva ou Ingênua - Depois de salientar estes 3 aspectos, q. eu considero fundamentais e definidores da cultura: o pessoal, o social e o temporal ou histórico, eu gostaria voltar um pouco ao problema de cultura e consciência, educação, cultura e consciência, pq para mim é isso que nos vai possibilitar de entender cultura popular. Paulo Freyre faz um esquema que eu acho que nos servirá bem p/a entender. Ele fala de uma consciência q. ele chama de consciência intransitiva, isto é, de consciência ingênua. É claro que todas as pessoas tem consciência da realidade.

Quando ele fala de consciência intransitiva ou ingênua, ele não está falando em alguém que não tivesse nenhuma consciência da realidade.

Mas ele diz intransitivada quer dizer, não

transitiva, não objetiva. É uma consciência q. quase não é crítica. É uma consciência quase reflexa. É uma consciência de quase aceitação da realidade como ela está. (g. conformista)

É uma consciência q. não assume a realidade criticamente. Vejam bem, eu insisto, nós não temos alguém que estivesse totalmente, absolutamente de outro lado, então não seria mais penoso se não tomássemos nenhuma posição crítica. Mas uma opção crítica muito pobre, por isso é ele diz intransitivada, quase não objetiva, quase não crítica, quase ingênua.

Consciência Transitiva A consciência intransitivada, na medida em que se abre p/a uma objetivação, p/a uma transitividade, nós teríamos então o que é chamado de consciência transitiva ou transitividade. O homem q. fôse emergindo de uma posição quase crítica, de uma posição ingênua p/a, aos poucos, uma objetividade, aos poucos p/a uma possibilidade de crítica maior da realidade. Então a passagem de uma consciência intransitivada p/a a transitividade, se faz, na medida em q. nos colocamos ou nos damos possibilidades aqui les que estão numa posição de consciência ingênua em face da realidade para abrigarem-se criticamente para esta realidade.

P/a tomarmos consciência de si criticamente nesta realidade, do seu papel nesta realidade, da sua relação como sujeito desta realidade.

Bem, segundo Paulo Freyre, nós no Brasil estaríamos mais ou menos nesta fase da consciência transitiva ou de transitividade. De um despertar de uma consciência ingênua, de uma

consciência quase q. mergulhada numa situação de
uma consciência crítica, p/a uma tomada de po-
sições.

Então, aos poucos, o Brasil sente este processo,
a abertura do homem p/a uma consciência crítica.
Mas vejamos. quando ele fala em transitividade
numa posição definida. Quer dizer: é um despertar.
O hom. brasileiro desperta. O homem brasileiro,
aos poucos, vai se colocando numa posição de
sujeito. Mas não estando ainda definida esta po-
sição dele, estando apenas neste abrir-se, segundo
Paulo Freire, nós poderíamos acabar em duas
posições distintas: ou numa autêntica con-
sciência crítica ou então na consciência fanatizada,
ou mistificada.

Riscos da Consciência Fanatizada - Eu acho
q. aqui, principalmente neste momento, em que no Brasil
nós vamos tendo uma abertura do homem p/a uma
transitividade, uma abertura do homem brasileiro
p/a assumir criticamente a sua realidade, nós cor-
remos o risco muito grande: é de cairmos numa
consciência fanatizada, num homem fanatizado,
na consciência mistificada. E nós cairemos nisso
fatalmente, se continuarmos numa linha de
manifissão como muitos dos novos movimen-
tos de cultura popular. Isto é, na de coloca-
ndo o hom. como sujeito criador! Não fazendo o
hom. brasileiro assumir realmente, criticamente
a realidade, não levando-o a uma consciên-
cia autenticamente crítica e desmistificada.
Mas levando esse hom., q. está num processo
de transitividade, a uma manifissão, a um

fanatizamento. Então é o hom. q. em vez de libertar-se, novamente emerge. Pq. se fanatiza. Pq. não é mais capaz de criticamente resolver os problemas, q. não traz soluções críticas, q. não traz soluções adequadas. Soluções q. correspondam à realidade. Soluções q. são realmente a resposta a um apelo da realidade. Mas q. são soluções q. éle encontra teórica e fanaticamente. Dedutivamente.

Então dentro deste esquema e desta colocação eu acho que aos poucos nós vamos entrando mais especificamente no problema do Brasil e da cultura popular.

Recapitulação - Quer dizer, recapitulando o esquema: nós salientamos o aspecto pessoal, social e histórico de cultura. A cultura como expressão de uma consciência crítica. E procuramos mostrar como se faz essa evolução e como especificamente no Brasil ela se faz.

Então vejamos, nós não estamos no Brasil dentro de uma posição autenticamente crítica. ~~Alguns~~ Talvez alguns estejam, chegando a uma consciência autenticamente crítica. Então saberia se esses alguns não manifestar os outros, mas possibilitar aos outros também a alcançar uma consciência crítica. E na medida em q. esses alguns manifestarem utilizarem os outros, nós em vez de termos a libertação e emergência total, nos teríamos o contrário. Nós cairíamos numa mistificação total da consciência brasileira.

Esse, para mim, é o sentido da cultura.

Cultura Popular - É cultura popular, p/a mim em popular não diz nada mais, não

acrescenta nada mais. É apenas uma explicação. Apenas explícito algo q. deve estar contido no próprio conceito de cultura. Mas, como infelizmente não está, como nós temos uma cultura q. é a expressão, não de uma relação, de um reconhecimento entre os homens, mas de dominação, uma cultura que é a expressão não de uma consciência autenticamente crítica, mas muitas vezes ingênua e mistificada, então é necessário num certo momento da evolução histórica chamar a atenção p/a este aspecto da cultura popular. Mas isto já deveria estar contido no próprio conceito. Portanto, p/a mim, dizer cultura popular é tautologia, é repetir termos. Se ela é cultura, ela deve ser popular. Agora de fato, ela não tem sido. E por isso, repito, num certo momento histórico, é necessário nós falarmos tanto em cultura popular. Salientarmos tanto este aspecto da cultura, q. é o popular.

Então, cultura popular, nada mais é do q. cultura autêntica. Nada mais é do que cultura desalienada. Nada mais é do que desalienação cultural. Isto é, a cultura popular, ou cultura autêntica, é a cultura q. é a expressão, q. é criação do povo todo, e lembro o aspecto social, do povo todo. Todo o povo como sujeito. Do povo todo consciente. Do povo todo que então assume criticamente a sua realidade, o seu mundo natural, o seu mundo cultural, ou histórico. E que então não perca a sua dimensão de personalidade.

Em última análise, ao definir cultura popular, vou recapitular tudo q. disse da cultura.

E aqui eu gostaria de colocar então uma

pergunta q. fica quase sem sentido, em face da definição: Cultura popular é cultura de marginal?

É claro que em face da definição não é, mas é o q. infelizmente se entende no Brasil atualmente.

Cultura popular como cultura do marginal. Então o seria mais ou isso, p/a alguns: Cultura popular seria aquela expressão primitiva, de um homem, posição de consciência intransitivada ou recém transitivada. Isso é cultura popular.

Ou então, cultura popular seria traduzir as coisas ou os dados culturais conquistados por aquela elite, por aqueles que chegaram palmente ao reino da cultura de uma forma simples, primitiva, em pepsi pilulas aos párias da cultura.

Eu acho que isso nós devemos desmistificar ou desideologizar em nosso conceito de cultura popular. Cultura popular não é isso. Cultura popular não é levar de uma forma medíocre a cultura do povo marginal, ou não é incensar, não é colocar no alto e valorizar apenas manifes-

tações primitivas daqueles que são quase que marginais. Então nós deveríamos no Brasil cultivar as manifestações mais ingênuas possíveis p/a que tivéssemos uma cultura autenticamente popular brasileira. Um movimento de cultura popular deve é fazer com q. todo o povo participe autenticamente e criticamente no processo da criação cultural 1.

Alienados da Cultura e esta Cultura - Ela surge como fruto da localização consciente do homem, especificamente no Brasil, do homem brasileiro na sua situação, de Brasil. Um movimento de cultura popular, se ele visa levar o homem



todos os homens a assumir^{em} criticamente a sua realidade e criarem e fazerem uma cultura como se assumirem criticamente a sua realidade como expressão disso, ela não apenas se dirige aos alienados da cultura, aqueles que estão fora da cultura, mas se dirige também aqueles q., embora estejam mais dentro da cultura, embora estejam num nível superior da cultura, também são alienados. Luis Alberto faria muito bem esta diferença. Ele fala nos alienados da cultura... aqueles que são quase marginais ou marginais da cultura que ai temos, dessa cultura que ai temos, e aqueles que são dentro dessa cultura, mas de uma cultura q. é alienada e portanto são os alienados na cultura. Ele opõe os alienados da, os que estão fora; e os alienados? Porque essa cultura que ai esta não é expressão de uma localização deles criticamente no Brasil de hoje. Não expressão de uma consciência crítica do Brasil de hoje. E ainda mais, é a expressão da utilização desses q. participam da cultura, desses q. eu chamo de alienados na cultura. É utilização daqueles outros, por isso aliás, daqueles outros que são marginais da cultura. Então é uma cultura, q. não só não expressa o momento histórico, não só não é autêntica, como expressão de uma consciência crítica do momento histórico, mas é uma cultura que expressão de dominação, q. perde todo seu autêntico sentido pessoal e social. e

Então é uma cultura q. não tem ^{nenh} os requisitos pessoais, nem sociais e nem históricos. E assim nós teríamos uma alienação total, os alienados da e os,

Um movimento de cultura popular ou falar em cultura popular para mim é apenas um estágio na evolução. Num certo momento é necessário nós falarmos em cultura popular e salientarmos o aspecto popular da cultura no sentido de desaliená-la.

Na reconciliação final, nós aceitamos a desalienação final, nós aceitamos a síntese final da história como o encontro dos homens, como reconhecimento das consciências. Então cobra perdido toda a longa luta histórica, todo o progresso na história.

Se não, não teria sentido nós buscarmos a superação.

Movimento de Cultura Popular Também Para a Elite

Ainda uma outra q. eu gostaria de falar, ou gostaria de retornar, é que o movimento de cultura popular deveria se dirigir não só à massa mas também à elite. Pq. ambos são alienados, um dentro, ou pro fora, mas ambos alienados.

Gostaria de colocar o seguinte: Nós no Brasil realmente estamos muito mais preocupados com a massa marginal, com os alienados da cultura. Ora um movimento q. só se preocupasse com os alienados da cultura não chegará a uma desalienação cultural, não chegará a uma cultura autenticamente nacional, popular e crítica, uma cultura q. expresse o povo todo. É necessário um trabalho simultâneo, quer dizer, um trabalho no sentido de q. as elites deixem de ser o que ~~elas~~ são deixem de ser uma elite e realmente elas estejam engajadas com o

11
povo, q. qual cultura seja a expressão do povo todo. É evidente que devido à defasagem q. existe entre essa elite e a massa, a distância que existe entre um e outro, nós praticamente, num certo momento, estamos mais preocupados com essa massa, alienada. Nós achamos que eles estão em situação ainda pior, completamente alienados da cultura. Acho compreensível q. no Brasil hoje, os movimentos de cultura popular, estejam se dirigindo mais ao marginal. Mas eu acho q. será completamente falho e nós não chegaremos à desalienação, se a desalienação não for total. Se o movimento também não ^{visar} a desalienação da elite.

Se as produções culturais, as produções artístico-culturais da elite não expressarem realmente um engajamento dela com o povo todo. E vejam, não estou pregando o que alguns críticos da cultura popular, alguns que criticam o movimento, que criticam negativamente o movimento acusam, isto é, que nós queremos baixar o nível cultural do povo brasileiro... e que essas expressões mais elevadas deixam de existir, q. nós teremos então somente um nível médio médio o pre. Não é isso, não é baixar o nível da cultura. Eu nem sei se se pode falar em baixar o nível da cultura. ~~Eu nem sei se se pode falar em baixar o nível da cultura.~~ Essa cultura já é tão baixa. Mas em todo o caso, não é isso. Mas é fazer que eles se voltam p/a o povo. Não no sentido de mediocrizarem-se, mas no sentido de a cultura criada por eles, a participação deles na cultura, seja uma participação autêntica. Que haja um engajamento da nova elite pensante com o novo povo todo.



Outra crítica q. ainda se faz é que na medida em que nós queremos essa desalienação total, queremos elevar o nível cultural de todo o povo, queremos fazer q. toda a cultura seja a expressão de uma realidade brasileira, e queremos acabar com as diferenças na cultura em q. um é instrumento do outro na criação cultural e q. todos sejam sujeitos de cultura... Muitos nos criticam, achando q., na medida em q. nós pegamos isso, nós criamos uma cultura uniformizada, em q. nós pegamos isso, nós criamos uma cultura uniformizada, técnicos, em q. uns fossem mais artistas do q. os outros, em q. houvesse uma elaboração maior da cultura por alguns.

Se nós quiséssemos propriamente desnivelar, igualar completamente, quiséssemos todos que se que uma elite, é evidente que nós sabemos que as possibilidades individuais variam, q. a vocação de cada um varia, q. sempre haverá alguns q. desenvolver-se-ão mais do q. os outros, desenvolverão mais um setor ^{do} q. outros. Mas o problema todo é q. todos eles se realizam numa perspectiva individual, mas realmente pessoal e social e que fo dos eles tenham todos os meios p/a se realizarem totalmente dentro das suas possibilidades, dentro da sua vocação, dentro das suas tendências.

Em uma medida em q. nós tivermos, inclusive, um nível médio superior de todo o povo, nós não estaremos eliminando a possibilidade de uma cultura mais desenvolvida por alguns, mas nós estaremos, do contrário

existem no Brasil. Aquêlê Brasil q. chegando
aquêlê estágio de consciência transitivada, sente
algumas dessas necessidades a necessidade de uma
desalienação cultural. Há divergências entre
alguns desses movimentos, na linha desses mo-
vimentos. Infelizmente alguns estão caindo numa
manifestação, infelizmente alguns estão caindo
em uma linha que pode-se aceitar esta críti-
ca q. é feita de mediotização da cultura. Estão
levando cultura p/a o povo e empregando as
expressões mais horríveis da arte e de outras
áreas culturais p/a levar ao povo q. acham
q. só entende aquilo. Quer dizer não é levan-
do a criar, mas empregando as expressões mais
mediocres dos alienados na cultura. O q. realmente
é é uma criação q. está se levando ao povo não é
a criação de um participante da cultura.

Infelizmente tem sido de alguns q. se arvoram
em libertadores do povo e desalienados na e da
cultura, completamente. Não sei se me fiz en-
tender, mas acho que vocês pensaram um pouco
q. os movimentos de cultura que alguns estão
fazendo e as coisas que estão levando ao povo
quando fazem a seleção dessa cultura toda de
uma elite alienada, podem lembrar-que se esco-
lhe o que? A pior coisa que existe porque ~~acho~~
acham ser o mais acessível ao povo.

Nós temos várias orientações nos movimentos
de cultura popular e nós poderemos sintetizar es-
sas orientações em duas linhas principais. Estes que eu
caracterizei agora, aquêlê q. fazem cultura p/a o
povo, quer dizer que levam manifestações medío-
cres e tentam levar, comunicar ao povo, ou a-

12
quêles q. estão manifestando o povo; e aquêles q. estão
fazendo realmente cultura com o povo, levando o
povo a realmente assumir como sujeito o novo
processo da revolução brasileira. Essas duas linhas
estiveram num certo ponto, num certo momento,
num antagonismo enorme em q. havia uma polêmi-
ca muito grande entre os que tentaram uma cultura
mais com o povo e os que estavam numa linha
de cultura p/a o povo, quer dizer, os q. preferiam
mais atividade em levar espetáculos e não faziam
trabalho continuado com o povo. Essa oposição foi
quase crítica, mas aos poucos ele está ~~se~~
salucionando. Aos poucos os movimentos de cultu-
ra popular no Brasil estão tentando se aproximi-
mar e estão tentando ~~avanzar~~ acertar mais; e esta
oposição já não é no momento de agora, já não é tão
evidente; assim mesmo ainda perdura essa dife-
rença daqueles que estão valorizando mais a ex-
pressão pessoal e a possibilidade criadora e aquêles
q. estão numa posição mais de cima, manifestadora,
paternalista.

Palavra proferida pela profa. OTILIA FIORI
por ocasião da Semana de Cultura Popular promovida
pela Secretaria de Educação e Cultura e realizada em
Ajuá, em agosto de 1.963.





